

Resenha Crítica: Blade Runner 2049 e suas Implicações na Sociedade e na Inteligência Artificial

João Pedro Ospedal dos Santos

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)
Curitiba – PR – Brasil

joao.santos16@utp.edu.br

Abstract. *This review critically examines Blade Runner 2049 (2017), directed by Denis Villeneuve. The film explores the boundaries between humans and artificial intelligence, focusing on replicants and their quest for identity. The review highlights the emotional portrayal of AI, critiques the limited exploration of social and ethical implications, and underscores the importance of responsible AI development in the future.*

Resumo. *Blade Runner 2049 (2017), dirigido por Denis Villeneuve, é a sequência de Blade Runner (1982), ambientado em um futuro distópico onde humanos convivem com replicantes. O filme segue o oficial K (Ryan Gosling), um "blade runner" que investiga um replicante capaz de gerar vida, desafiando a linha entre humanos e máquinas. A resenha discute as questões de identidade e consciência dos replicantes, mas também critica a abordagem emocional do filme, que ignora outros aspectos importantes como as implicações sociais e éticas da IA. O filme sugere a necessidade de uma reflexão ética sobre o desenvolvimento de tecnologias de IA para o futuro.*

1. Discussão crítica

O filme apresenta uma exploração fascinante sobre a inteligência artificial e seus limites, mas também expõe algumas limitações em sua abordagem que merecem reflexão. Uma das principais limitações está no modo como o filme aborda a IA, enfocando apenas os aspectos emocionais e a consciência dos replicantes. Embora o dilema existencial dos replicantes seja interessante, o filme negligencia outras preocupações relevantes sobre as implicações tecnológicas da IA, como os impactos sociais e éticos da automação.

O filme propõe que a IA pode desenvolver emoções e desejos próprios, o que é uma ideia intrigante, mas que é um tanto reducionista. Ao concentrar-se exclusivamente na autonomia emocional dos replicantes, o filme deixa de lado outras questões cruciais, como a ética no desenvolvimento de IA, a privacidade e o impacto da automação na sociedade. Em um cenário mais realista, uma IA altamente avançada provavelmente se focaria em eficiência e otimização, ao invés de desenvolver sentimentos, o que teria implicações significativas nas relações sociais e no mercado de trabalho.

Além disso, o filme aborda os replicantes como uma classe oprimida e os coloca como uma alegoria para a luta por direitos civis, mas não explora as consequências reais da introdução de seres artificiais na sociedade humana. Questões como controle social, privacidade e direitos humanos são negligenciadas, o que limita a profundidade da

crítica social que o filme poderia apresentar.

2. Opinião fundamentada

Embora o filme apresente uma reflexão interessante sobre a evolução da IA e sua busca por identidade, a visão sobre a emocionalidade dos replicantes é exagerada quando comparada à realidade atual da IA. Hoje, as IAs são ferramentas poderosas que não possuem sentimentos, consciência ou autonomia, mas funcionam de acordo com algoritmos. No entanto, o filme acerta ao sugerir que a IA pode ter implicações profundas para a sociedade, como desigualdade e controle social, especialmente quando se trata de automação no trabalho e vigilância.

Portanto, a crítica à IA no filme é válida em relação às questões sociais que ela pode gerar, mas a dramatização da evolução da consciência artificial pode desviar a atenção dos problemas reais. A necessidade de regulamentação ética sobre IA e seu impacto na sociedade é, sem dúvida, mais urgente do que a ideia de replicantes com sentimentos.

3. Conclusão

Blade Runner 2049 (2017), dirigido por Denis Villeneuve, é a sequência do icônico Blade Runner (1982), situado em um futuro distópico, onde humanos convivem com replicantes — seres artificiais criados para servir à sociedade. A trama segue o oficial K (Ryan Gosling), um "blade runner" encarregado de caçar e "aposentar" replicantes fora da lei. Ao investigar um caso que envolve um replicante aparentemente capaz de gerar vida, K descobre segredos profundos sobre a natureza dos replicantes e sua possível evolução para um novo estágio de consciência.

A resenha analisa as questões levantadas pelo filme, como a busca pela identidade, o dilema existencial dos replicantes e a linha tênue entre humanos e máquinas. Discute-se também a limitação do filme ao focar exclusivamente nas emoções dos replicantes, deixando de abordar outros aspectos cruciais, como a ética na criação de IA e seus impactos sociais. Por fim, a crítica ressalta a necessidade de um debate sobre o controle da inteligência artificial no futuro, sugerindo que o avanço descontrolado dessa tecnologia pode trazer consequências profundas para a sociedade humana, como desigualdade e perda de empregos.